

Cosmovisões e o controle da natureza: o discurso do Portal G1 sobre a seca no Amazonas em 2023¹

O IV Relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) em 2007 foi considerado um marco porque evidenciou o aquecimento global como fator inequívoco e resultou em cobertura episódica pela imprensa (MORAES, CORRÊA, 2008). O relatório sobre as Lacunas de Adaptação, a ONU (2023) afirma que com a intensificação das mudanças climáticas os impactos se tornam mais agressivos e atingem um número maior de pessoas. Diante da crise climática, ainda assim a maioria dos meios de comunicação, em especial os hegemônicos, e os governos dos países poluidores oferecem uma resposta muito mais lenta do que a urgência solicita. Em 2019, um grupo de cientistas chamou a atenção para que os pesquisadores do mundo usassem o termo “emergência climática” exatamente para que fossem mais ouvidos de fato a modificar o rumo das emissões de gases planetários (RIPPLE et al, 2019). Em 2023, o presidente da ONU, António Guterres fez mais um alerta grave e chamou a atenção para os recordes de fenômenos climáticos extremos cada vez mais frequentes. Estamos agora na ebulição global, não mais no aquecimento. Segundo relatório publicado pelo Copernicus Programme (2023) o verão europeu de 2023 foi 0,83°C mais quente que o normal, para os analistas de dados internacionais, esse resultado representa uma tendência, exemplificando a necessidade de tratá-lo como a ebulição global.

No momento atual, em que as bases científicas são enfáticas sobre o processo de aceleração do aquecimento global e as drásticas consequências já são visíveis e crescentes, ainda assim alguns pontos sobre a questão socioambiental ficam apagados. A paisagem está mudando rapidamente, assim como o nosso olhar precisa se ajustar a outras formas, relevos,

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático “Crise climática e Antropoceno, meio ambiente, biodiversidade e sustentabilidade” do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 28 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

espaços remodelados. O discurso, que acompanha os movimentos de forma ininterrupta, também faz parte deste momento em que há claros sinais de que algo vai mudar, ou por nós, ou contra nós.

Este texto busca analisar os discursos sobre a seca histórica do Amazonas em 2023, nas publicações realizadas entre setembro e novembro pelo portal brasileiro G1 (g1.globo.com). Com ajuda do software NVivo, os textos selecionados sobre o tema são analisados tendo em vista a seguinte questão-problema: De que forma o discurso do G1 sobre a seca no Amazonas no G1 apresenta cosmovisões e o controle da natureza?

De forma conceitual e teórica temos o objeto - o discurso - que é polissêmico por definição. Para a Análise do Discurso, é preciso perceber os efeitos de sentido e entender que elementos específicos do jornalismo o constituem também como uma prática discursiva. No discurso jornalístico há o seu discurso e, ao mesmo tempo, o espaço em que “deixam” o Outro também fazer parte. Como objetivo buscamos refletir sobre como esse discurso de um acontecimento específico se manifesta no portal de estudo. Quais características? Quais palavras são as mais usadas? Quais imagens aparecem? Quais são as fontes consultadas? O que é repetido, pela paráfrase? O que falta? Quais efeitos de sentido?

Aspectos teórico-metodológicos

Referência importante é a noção de sociedade de risco, especialmente quanto aos riscos fabricados, em relação à crise climática. Os riscos que se apresentam a partir do conhecimento, seja científico ou anticientífico, podem ser “alterados, diminuídos ou aumentados dramatizados ou minimizados no âmbito do conhecimento”. (BECK, 2011, p. 27). Isso abre espaço para o processo social de definição. Assim, o enquadramento científico, muito embora seja predominante na definição da questão social e ambiental relacionado ao aquecimento global e à mudança climática, se dá nos aspectos sociopolíticos. A disputa sobre quais os riscos estamos dispostos a tomar para manter o progresso e o desenvolvimento de acordo com o paradigma que dá base ao

sistema-moderno-colonial (PORTO-GONÇALVES, 2006.)

Interessa portanto trazer as visões decoloniais, para perceber os discursos contra hegemônicos. Para Ferdinand (2022), os fundamentos do “habitar colonial” são baseados na apropriação do território, no massacre dos povos originários e no chamado desbravamento. O ato de desbravar se dá na seguinte acepção: “habitar é desbravar, habitar é abater a árvore. Somente a partir do momento em que a árvore é abatida, o habitar colonial começa”. (p.52). O colonizador também abatia homens e abusava de mulheres, sendo então o retrato imbricado entre a ideologia da colonização e a da dominação masculina. A partir da colonização, impondo-se a propriedade privada nas colônias, implantou-se o sistema de *plantation*, que foi a principal forma de ocupação, incluindo-se uma organização de senhores e escravos, casa grande e senzala, que vai marcar nossas estruturas sociais desde então. “O habitante é o senhor”, enquanto que os “escravizados são os Negros, aqueles que não habitam.” (FERDINAND, 2022, p.54).

Essa ocupação colonial, desconfigura as relações sociais, culturais, políticas, as cosmovisões dos povos originários. Shiva (2003) chama a atenção às chamadas monoculturas da mente, que se cristalizam em valores e ideologias. Ao lado da ocupação das terras e da imposição de plantações com objetivo de captar recursos aos colonizadores, também há o processo que se coloca na devastação dos conhecimentos milenares, entre esses a relação entre humanos e natureza. “Viver a diversidade na natureza corresponde a viver a diversidade de culturas. As diversidades natural e cultural são fontes de riqueza e alternativas”. (SHIVA, 2003, p.17). No entanto, o sistema dominante busca tornar o local invisível, “ao declarar que não existe ou não é legítimo [...] também faz as alternativas desaparecerem apagando ou destruindo a realidade que elas tentam representar. O saber local resvala pelas rachaduras da fragmentação.” (SHIVA, 2003, p.25).

Nesta discussão, trazemos a noção de cosmovisão, em que vários elementos materiais e ideológicos se inter-relacionam. Conforme Hui (2020, p.143), é preciso atentar para os elementos fora da uniformidade do pensamento ocidental (que rechaça o não

racional) pois o “sentido concreto do não racional se correlaciona com o mundo cosmológico em que as pessoas vivem e que molda a mentalidade das culturas; seus meios de acesso são expressos pela arte e pelas tradições. (HUI, 2020, 143).

Para a análise discursiva proposta de linha pecheutiana, sobressai o papel da ideologia, que se coloca de forma a costurar os efeitos de sentido, conferindo portanto uma materialidade aos enunciados. De acordo com Orlandi (2001), as falhas são necessárias para o funcionamento da língua, ou seja, ela não é sem equívocos. Para o analista da linguagem, torna-se primordial desvelar os sentidos e lógicas de um discurso, percebendo exatamente o equívoco do sujeito e da história. A partir disso, o analista pode perceber o que se repete e o que falha no discurso analisado. Da mesma forma, Orlandi (2001) salienta o papel da ideologia na produção de evidências que constituem o discurso e o sujeito:

Partindo da afirmação que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, entendendo-se subjetivas não como que afetam o sujeito, mas como nas quais constitui o sujeito. (ORLANDI, 2001, p.46).

Como uma análise posicionada, o gesto de interpretação parte da observação do discurso sob o ponto de vista das pluralidades, geralmente invisibilizadas, sobre as cosmovisões existentes no espaço-tempo - local - sobre o qual o fenômeno climático em questão se desenvolve: a Amazônia. Após a leitura dos textos, observam-se as principais marcas discursivas. Com este movimento, podemos concluir a respeito do lugar das cosmovisões que direcionam às vulnerabilidades ou interseccionalidades, se e como aparecem no jornalismo do portal G1.

Relevância e justificativa do estudo

A escolha do G1 como foco da análise é pelo alto alcance junto ao ecossistema de

comunicação digital no Brasil. Segundo dados do site, entrou no ar em setembro de 2006, como site de notícias da Rede Globo. “Primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital”. Além de ser um dos mais conhecidos e de uma das maiores redes de comunicação do mundo, também atinge milhares de acessos todos os meses. Logo em 2008, “o portal assumiu a liderança e hoje atinge média mais de 55 milhões de usuários por mês, segundo a Comscore.”²

Numa primeira camada discursiva, podemos identificar o movimento dos sentidos quanto a um outro, Outro que não está no mesmo lugar - centralizado. Está na periferia do poder. Neste lugar, a cosmovisão indígena e da diáspora africana são historicamente silenciadas, para que não seja um ponto de contradiscurso ao capitalismo. Podemos encontrar vestígios, mesmo que tímidos, desse Outro? E como são configurados, já que sabidamente sujeitos historicamente negligenciados. Estudar esses movimentos discursivos do jornalismo é tarefa relevante para entender as formas do discurso que tocam a cosmopolítica, quando se trata dos temas relacionados à emergência climática.

Palavras-chave

Emergência climática; Seca no Amazonas; Cosmovisões; Portal G1; Análise do Discurso

Referências

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. Trad. Sebastião Nascimento. SP: Editora 34, 2011.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. SP: Ubu Editora, 2022.

COPERNICUS Programme: Serviço de Gestão de Emergências. **European summer 2023**: a season of contrasting extremes. 3 out 2023. Disponível em:

² <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>

<https://climate.copernicus.eu/european-summer-2023-season-contrasting-extremes>

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MORAES, Cláudia H. de; CORRÊA, Aline M. F. Entre o susto e o esquecimento: Jornalismo Ambiental na lógica da indústria da informação. **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, p. 210-224, 2008.

ONU. United Nations Environment Programme (2023). **Adaptation Gap Report 2023: Underfinanced. Underprepared. Inadequate investment and planning on climate adaptation leaves world exposed**. Nairobi. Disponível em: <<https://doi.org/10.59117/20.500.11822/43796>>

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas/SP: Pontes, 2001.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **A natureza da globalização e a globalização da natureza**. RJ: Civilização Brasileira, 2006.

RIPPLE, William J. et al. World scientists' warning of a climate emergency. **BioScience**, 2019.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.